

SOBRE O RITMO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: EVIDÊNCIAS DE UM PADRÃO ACENTUAL¹

Livia Migliorini²

Gladis Massini-Cagliari³

livia@fclar.unesp.br

gladis@fclar.unesp.br

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise sobre a relação entre processos fonológicos lexicais e pós-lexicais e a classificação do ritmo do Português Brasileiro (PB) como silábico ou acentual. Por ser o ritmo um fenômeno que opera no nível pós-lexical – de acordo com a Teoria da Fonologia Lexical –, sugere-se, aqui, que para a classificação do ritmo das línguas, seja levada em consideração a distinção dos níveis em que ocorrem os processos fonológicos (lexical e/ou pós-lexical). A partir deste ponto de vista, considerando-se os processos fonológicos que operam no PB no nível pós-lexical, foram encontradas evidências que podem classificar esta língua como língua de ritmo acentual.

PALAVRAS-CHAVE: ritmo; processos fonológicos; Português Brasileiro; prosódia.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo rever a definição da dicotomia básica da tipologia do ritmo lingüístico – ritmo silábico/ritmo acentual – à luz da observação de processos fonológicos de redução e de reforço⁴, verificando se existe relação entre a classificação tipológica de uma língua, quanto ao ritmo, e a ocorrência de processos de um ou

¹ Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (06/53376-4).

² Doutoranda em Lingüística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp, campus de Araraquara.

³ Professora do Departamento de Lingüística e do Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp, campus de Araraquara. CNPq (302222/2009-0)

⁴ Retomaremos aqui a dicotomia estabelecida por Stampe (1973), que divide os processos fonológicos entre processos de *reforço* (ou “fortalecimento”) – ditongações, inserção de segmentos, abertura de vogais, entre outros – e processos de *redução* (ou “enfraquecimento”) – monotongações, centralização de vogais, processos de sândi vocálico, entre outros. De acordo com o autor, os primeiros fariam parte do eixo paradigmático, por visarem à preservação da estrutura fonológica e serem, portanto, favorecedores do ouvinte. Já os processos de “redução” fariam parte do eixo sintagmático e seriam favorecedores do falante, por visarem uma maior facilidade articulatória (a chamada “lei do menor esforço”).

de outro tipo. Neste contexto, o objetivo específico é verificar se o domínio (lexical ou pós-lexical) de aplicação dos processos determina ou não a classificação tipológica da língua quanto ao ritmo. A hipótese a ser verificada é a de que processos fonológicos de redução de sílabas pós-tônicas (acompanhados ou não de processos de reforço das tônicas) aplicados pós-lexicalmente tendem a favorecer um ritmo acentual.

Este trabalho focalizará especialmente dados do Português Brasileiro (doravante PB), colhidos em trabalhos anteriores sobre o assunto, já que o objetivo específico principal desta pesquisa é revisar a classificação tipológica desta língua quanto ao ritmo. Desta forma, serão revistos processos fonológicos de redução e de reforço do PB, de modo a verificar se existe alguma correlação entre o domínio de sua aplicação e a classificação tipológica desta língua quanto ao ritmo. Serão investigados, sobretudo, a classificação tipológica do PB dentro da dicotomia “ritmo silábico”/ “ritmo acentual”, os processos fonológicos lexicais e pós-lexicais do PB e o papel desses processos dentro da classificação tipológica de ritmo desta língua.

Pretende-se, com este tema, contribuir para um melhor entendimento da dicotomia ritmo silábico/ritmo acentual, revendo-a de dois pontos de vista: à luz de sua definição fundadora, a partir da noção de *isocronia*, e a partir de processos fonológicos lexicais e pós-lexicais. Visto que até atualmente o ritmo lingüístico é objeto de acalorados debates entre estudiosos da área, o objetivo principal desta pesquisa é contribuir para a polêmica discussão da classificação do ritmo do PB como silábico ou acentual (ou um terceiro tipo, se for o caso). Para tal, será investigado o papel de processos fonológicos específicos dentro da classificação tipológica de ritmo do PB, no contexto de uma análise da dimensão fonológica – e não apenas fonética – da dicotomia ritmo silábico/ritmo acentual.

1. O RITMO LINGÜÍSTICO

Ao procurarmos a palavra “ritmo” no tradicional *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, encontramos a seguinte definição:

Ritmo. *S. m.* **1.** movimento ou ruído que se repete, no tempo, a intervalos regulares, com acentos fortes e fracos. **2.** no curso de qualquer processo, variação que ocorre periodicamente de forma regular. **3.** sucessão de movimentos ou situações que, embora não se processem com regularidade absoluta, constituem um conjunto fluente e homogêneo no tempo. **4. Lit.** Num verso ou num poema, a distribuição de sons de modo que estes se repitam a intervalos regulares, ou a espaços sensíveis quanto à duração e a acentuação. **5. Mús.** Agrupamento de valores de tempo combinados de maneira que marquem com regularidade uma sucessão de sons fortes e fracos, de maior ou menor duração, conferindo a cada trecho características especiais. **6. Mús.** A marcação de tempo própria de cada forma musical. **7. Mús.** O conjunto de instrumentos de percussão e outros similares que marcam o ritmo (5) na música popular; bateria. **8. Brás.** O conjunto de ritmistas. (Ferreira: 573-574)

Já em um dicionário de Lingüística, a definição é um pouco diferente, apesar de caracterizar, também, a idéia de tempo, que está implícita no termo “ritmo”. E é a partir desta definição que o presente trabalho pretende se desenvolver:

Ritmo: A aplicação do sentido geral do termo na *Fonologia* se refere a uma regularidade percebida nas *Unidades Proeminentes* da fala. Estas regularidades podem ser expressas em termos dos seguintes padrões: sílabas acentuadas x sílabas não-acentuadas, extensão da sílaba (longa x breve) ou Pitch (alto x baixo) – ou uma combinação destas variáveis. Os padrões com regularidade máxima, como ocorrem na poesia, são denominados *métricos*. (Crystal, 1988: 230)

Em Lingüística, assim como na Música, a definição de ritmo está diretamente ligada à idéia de tempo, duração (Cagliari, 1981: 123). Por este motivo, seguindo a tradição dos estruturalistas americanos (Pike, 1945) e dos foneticistas ingleses (cf. Abercrombie, 1967), o ritmo da linguagem humana é definido pela maioria dos lingüistas através da noção de *isocronia*.

Allen (1968: 60) afirma que parece ser evidente que a linguagem humana possui ritmo. De acordo com o autor – em seu trabalho em que discute o ritmo do Inglês e de outras línguas – há duas maneiras de se definir a noção de ritmo. A mais comum em Lingüística (porém a menos geral) é a de que o ritmo é um padrão de uma seqüência temporal; e a mais geral (embora menos comum) estabelece que o ritmo é um padrão de qualquer seqüência:

There are two ways of looking at rhythm: the less general (but more common in linguistic writing) is that rhythm is the pattern of a temporal sequence; the more general (and less common use) is that rhythm is the pattern of any sequence. That is, “rhythmic” and “unrhythmic” are words we can use to describe sequences of events, whether or not we mark the passage of time exactly while we perceive these sequences.

O autor relaciona a idéia de ritmo à dicotomia chomskiana performance/competência⁵, ressaltando a diferença entre esses conceitos, e comparando a ‘performance’ com a *parole* e a ‘competência’ com a *langue*⁶. Assim, a ‘performance’ está ligada à regras de comportamento

⁵ Chomsky (1965) chamou de *competência* o fato de que qualquer pessoa é capaz de intuir e de fazer julgamentos imediatos sobre a estrutura de sua língua, sem que ninguém lhe tenha ensinado. Ao contrário, a *performance* não depende somente do conhecimento que o falante possui sobre sua língua, mas, sobretudo, do uso real que faz dela em situações concretas. Neste caso, o falante depende também de conhecimentos não-lingüísticos.

⁶ De acordo com Saussure (1972 [1916]), *langue* (língua) representava a própria estrutura da língua, ou seja, o conjunto de todas as regras: fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas. Além disso, a *langue* não constitui um sistema individual, na medida em que é definida não somente por um único indivíduo, mas sim pelo

dos falantes e, segundo ele, há uma ‘performance universal’, que é comum aos falantes de todas as línguas. Em outras palavras, como as línguas são faladas por seres humanos e estes representam uma única espécie, espera-se que sejam encontradas características similares entre esses indivíduos, independentemente da língua que falam. Essas afirmações, segundo o autor, aplicam-se à percepção e à produção do ritmo das línguas.

Segundo Allen (1968), algo de extrema relevância em estudos dessa natureza é a percepção do ritmo. Desta forma, quando percebemos uma seqüência temporal, percebemos algo de sua estrutura rítmica. Para o autor, as características rítmicas produzidas pela fala representam uma atividade motora e a percepção desse ritmo da fala se dá exatamente da mesma forma como percebemos o ritmo em qualquer seqüência temporal semelhante. Sendo assim, o ritmo da fala é entendido como qualquer outra atividade motora rítmica e deve ser interpretado como uma “performance universal”, pertencente a todas as línguas. Ainda tratando sobre atividades motoras, é interessante observar a colocação que Allen faz sobre o trabalho de Miyake ([1902], *apud* Allen, 1968: 66): “*Miyake (1902) studied the rhythmic structuring of various kinds of motor behavior and found that (1) it is impossible not to act rhythmically and (2) simple successions and alternations are most prevalent in our movements*”.

Ainda de acordo com Allen (1968), as atividades motoras descritas envolvem, geralmente, um único membro, o que não ocorre com a fala. Quando falamos, uma complexa coordenação muscular é envolvida, realizando muitas ações.

Embora o autor considere relevantes os estudos de percepção, observa que, até então, desconhecia estudos dessa natureza. Além disso, ressalta o fato de que, mesmo diante de seqüências de sons repetidos, de mesma duração e intensidade, tendemos a percebê-las como seqüências de fortes-fracos ou fracos-fortes. Ele acredita que há uma relação entre a nossa percepção do ritmo da fala e a nossa percepção de ritmos em geral. Segundo o pesquisador, temos uma forte tendência para perceber o ritmo de qualquer seqüência temporal: “*Our ability to hear a rhythm where one does not in fact exist is very strong, and the kinds of rhythm we perceive are generally sequences and alternations*” (Allen, 1968: 72).

Abaurre (2003: 88), ao discutir as relações entre ritmo e linguagem – mais especificamente os ritmos da oralidade e da escrita –, afirma:

grupo social a que pertence. Já a *parole* (fala) representa a liberdade que tem o falante de combinar os elementos do código (*langue*) e é, portanto, um sistema individual, particular de cada indivíduo. Pode-se dizer, desta forma, que a *langue* é a condição para a existência da *parole*.

[...] as características rítmicas da produção, atividade motora por definição, são muito semelhantes às características de comportamento motores mais gerais – como o movimento dos membros em atividades como caminhar – no sentido de que nossas ações motoras estruturam-se, via de regra, em agrupamentos rítmicos simples de um ou dois elementos que se alternam em seqüência. Pode-se dizer, portanto, que o ritmo da fala, de um ponto de vista fonético, apresenta estrutura semelhante a de ritmos motores mais gerais, realizando-se, especificamente, através da sucessão de sílabas e da alternância de acentos de intensidade e/ou altura.

De acordo com a autora, a idéia de que a linguagem humana possui um ritmo – como qualquer outra atividade motora – sempre foi aceita sem muita polêmica e, desta forma, faz menção ao trabalho de Allen (1968), que já constatava, naquela ocasião, a dificuldade entre os lingüistas de incorporar o ritmo em uma teoria da linguagem. Nessa época, falar de ritmo era, sobretudo, falar de um ritmo fonético e, ainda assim, eram muito poucos os lingüistas que tratavam explicitamente de questões rítmicas.

Entretanto, embora os lingüistas não tratassem de questões rítmicas, estas sempre foram objeto da poética. Massini-Cagliari (1999b), ao fazer uma revisão da literatura sobre o assunto, ressalta que a origem do rótulo *pé* vem do movimento do próprio pé humano, ou seja, “do movimento progressivo e alternante de levantamento e abaixamento” (Massini-Cagliari, 1999b: 114). Ao citar Ravizza (1940: 415), a autora observa que, na poética clássica, o pé pode ser entendido como uma combinação de sílabas longas e/ou breves. Tais combinações poderiam originar os seguintes tipos de pés, na métrica latina: *espondeu* (longa + longa); *troqueu* (longa + breve); *dátilo* (longa + breve + breve); *iambo* (breve + longa) *pirríquio* (breve + breve); *anapesto* (breve + breve + longa); *tríbaco* (breve + breve + breve); *molosso* (longa + longa + longa); *coriambo* (troqueu + iambo) e *proceleusmático* (breve + breve + breve + breve). A métrica clássica deu lugar à teoria da metrificação e, segundo Massini-Cagliari (1999b: 115), “até os dias de hoje, pode-se utilizar o modelo quantitativo da poética latina para analisar versos em outras línguas, em que a distinção entre sílabas longas e breves não pesa da mesma maneira que em latim”. Além disso, a influência das teorias de metrificação poética hoje em dia atinge não apenas o estudo da constituição dos versos, já que os rótulos relativos aos metros latinos foram, mais tarde, retomados pela Fonologia Métrica, para dar conta do ritmo das línguas.

2. A NOÇÃO DE ISOCRONIA

É muito comum, quando tratamos de ritmo lingüístico, vermos as línguas divididas dentro da clássica dicotomia ritmo silábico/ritmo acentual. Para Pike (1945), as línguas do mundo deviam, necessariamente, encaixar-se em uma dessas duas categorias. Segundo o

autor, o ritmo está vinculado a uma idéia temporal e, para que o ritmo de uma determinada língua fosse estudado, bastava encontrar elementos que a classificassem dentro de um desses dois tipos rítmicos: ritmo silábico (*syllable-timed rhythm*) ou ritmo acentual (*stress-timed rhythm*)⁷. Assim, uma língua cujo ritmo é silábico, apresenta os intervalos entre as sílabas com duração aproximadamente igual. Já em uma língua de ritmo acentual, o elemento recorrente a intervalos de tempo com duração aproximadamente igual é o acento (Pike, 1945: 35):

A single rhythm unit from such a sequence of units may be considered the regular or normal type. Because its length is largely dependent upon the presence of one strong stress, rather than upon the specific number of its syllables, it may be conveniently labeled a STRESS-TIMED rhythm unit...

Many non-English languages (Spanish, for instance) tend to use a rhythm which is more closely related to the syllable than the regular stress-timed type of English; in this case, it is the syllables, instead of the stresses, which tend to come at more-or-less evenly recurrent intervals – so that, as a result, phrases with extra syllables take proportionally more time, and syllables or vowels are less likely to be shortened and modified.

English also has a rhythmic type which depends to a considerable extent upon the number of its syllables, rather than the presence of a strong stress, for some of its characteristics of timing; in English, however, the type is used rarely. In this particular rhythm units each unstressed syllable is likely to be sharp cut, with a measured beat on each one; this recurrent syllable prominence, even though the stressed syllables may be extra strong and extra long, gives a “pattering” effect. The type may be called SYLLABLE-TIMED rhythm unit (in phonemic contrast to the stress-timed type).

Posteriormente, Abercrombie (1967: 97) menciona a noção de *isocronia* e define a dicotomia, já cunhada por Pike, da seguinte forma: Em línguas de ritmo silábico, “*the periodic recurrence of movement is supplied by syllable-producing process: the chest pulses, and hence the syllables, recur at equal intervals of time – they are isochronous*”; e em línguas de ritmo acentual, “*the periodic recurrence of movement is supplied by the stress-producing process: the stress pulses, and hence the stressed syllables, are isochronous*”.

Assim sendo, línguas de ritmo acentual têm o acento como elemento recorrente a intervalos de tempo mais ou menos uniformes. É o caso do inglês, do árabe, do russo. Ao passo que as línguas de ritmo silábico têm a sílaba como elemento recorrente, como o espanhol, o italiano, o francês, entre outras.

⁷ A dicotomia pikeana refere-se ao trabalho de Lloyd James (1940), que faz uso das metáforas “*machine-gun rhythm*” (“ritmo de metralhadora”), para línguas de ritmo silábico, e “*morse-code rhythm*” (“ritmo de código morse”), para línguas de ritmo acentual.

Embora a maioria dos estudos realizados sobre o ritmo do PB busque comprovar foneticamente tal *isocronia*, nenhum trabalho apresenta evidências de que haja intervalos isócronos no nível acústico, seja para classificá-lo como uma língua de ritmo silábico seja para classificá-lo como sendo de ritmo acentual. Assim sendo, ainda não há um consenso quanto à tipologia rítmica do PB.

Ao constatar que essa *isocronia* - seja de acentos, seja de sílabas - não podia ser comprovada em nível acústico (fonético), alguns estudiosos, como Dauer (1983), por exemplo, levantaram a hipótese de que a diferença entre línguas de ritmo silábico e línguas de ritmo acentual não estava na noção de tempo, duração. Segundo a autora, o fato de os acentos recorrerem regularmente parece ser uma propriedade universal da linguagem. A autora sugere que as diferenças rítmicas entre as línguas estavam relacionadas a outros fatores, como a estrutura silábica, a redução vocálica e a realização fonética do acento.

Cagliari (1981) foi um dos primeiros estudiosos a fazer uma análise do ritmo do PB. Desta forma, baseado na noção de *isocronia*, classifica esta como língua de ritmo acentual. No entanto, em 1986, juntamente com Abaurre, realiza um novo estudo da mesma natureza e observa que alguns dos falantes possuíam um ritmo acentual, ao passo que outros possuíam um ritmo silábico. Porém todos, sem exceção, apresentavam flutuações rítmicas.

Major (1981, 1985), em seu estudo sobre o ritmo do Português do Brasil, apresenta evidências de que esta seria uma língua de ritmo acentual e conclui, ainda, que processos de redução estão diretamente ligados à classificação do PB nessa categoria.

Outra análise sobre o ritmo do PB é a de Moraes e Leite (1989). Os pesquisadores desenvolveram um trabalho a fim de caracterizar o ritmo do PB, utilizando como *corpus* alguns enunciados do projeto “Gramática do Português Falado”. De acordo com eles, é necessário observar a duração dos pés mais longos, pois é onde se constata a aceleração, cuja função é manter a *isocronia*. Os autores, então, dividiram os enunciados em pés curtos (1 e 2 sílabas); pés médios (4 sílabas) e pés longos (8 e 10 sílabas). Sendo assim, concluíram que possuíam ritmo acentual os pés curtos e alguns dos pés médios, e o restante dos pés médios e os pés longos possuíam ritmo silábico.

A fim de descrever a realização fonética do acento lexical e os padrões rítmicos do PB, Massini-Cagliari (1992) gravou um *corpus* de 20 frases cujo objetivo era “controlar ou neutralizar as seguintes variáveis: número de sílabas da palavra, posição da sílaba tônica na palavra, posição da palavra no enunciado, velocidade de fala e fatores intrínsecos e co-intrínsecos aos segmentos (como, por exemplo, duração, frequência fundamental e intensidade intrínsecas)” (Massini-Cagliari, 1992: 16). O *corpus* analisado era constituído de

monossílabos; dissílabos oxítonos e paroxítonos; trissílabos e polissílabos oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos, para que fossem analisadas as variações devido ao número de sílabas das palavras-chaves. Com o intuito de que as palavras-chaves aparecessem em dois contextos diferentes dentro do enunciado, o *corpus* “foi montado de maneira a fazer com que, com apenas uma inversão da ordem da frase, a mesma palavra aparecesse nessas duas posições. Assim, a frase *Parece... falar de...* se transforma em *Falar de... parece...*” (Massini-Cagliari, 1992: 16).

Desta forma, a fim de neutralizar as diferenças no nível da sílaba, a autora solicitou ao informante que, no final de cada enunciado, substituísse a palavra-chave por logátomos (nesse caso, uma sucessão de sílabas “la”, imitando as sílabas das palavras-chave). Por exemplo: *Falar de café parece legal*, equivaleria a *Falar de lalá parece lalá*. A autora observa que o mesmo procedimento já havia sido utilizado por Major (1981, 1985) e Moraes (1986, 1987). Assim sendo, dividiu os enunciados em pés e mediu suas durações, chegando à conclusão de que, *levando-se às últimas conseqüências a noção de isocronia*, há no *corpus* analisado evidências que classificariam o PB tanto como de ritmo silábico como de ritmo acentual. Além disso, conclui que, partindo da noção de *isocronia*, o PB também pode não ‘se encaixar’ em nenhum desses tipos.

Um fator interessante apontado por Dauer (1987) é que algumas línguas podem, perfeitamente, apresentar características de ambos os tipos de ritmo. Desse modo, uma língua não precisa necessariamente ser classificada como de um ou de outro tipo, podendo, assim, ocupar uma posição intermediária.

Ramus, Nespor e Melher (1999) também consideram a possibilidade de haver mais classes rítmicas além das tradicionalmente conhecidas. Alguns estudos sobre o ritmo do PB parecem considerar essa hipótese ao classificá-lo como língua de “ritmo misto”.

Barbosa (2000) também parece argumentar a favor de um ritmo misto para o PB. Segundo o autor, o PB apresenta evidências empíricas que o classificariam como língua de ritmo silábico, apesar de ocupar uma posição intermediária quando comparado com outras línguas, de ritmo silábico e de ritmo acentual.

Cagliari (2002b) faz uma colocação muito interessante a respeito da classificação do PB como língua de ritmo misto. Segundo o autor, se não forem levadas em conta as variedades dos dialetos que co-existem na língua, além do andamento e da velocidade de fala, os resultados desse tipo de trabalho poderão ser equivocados. Ainda de acordo com o autor, não existe uma língua que tenha um ritmo misto, o que há, na verdade, é uma má compreensão da definição de ritmo silábico.

Como pôde ser observado, os estudos sobre classes rítmicas baseados em análises acústicas, apresentam muitas divergências, de modo que o ritmo lingüístico, sobretudo com relação ao PB, é ainda uma questão bastante polêmica.

3. RELAÇÕES ENTRE REGRAS FONOLÓGICAS E RITMO

Como já citado anteriormente, pela falta de êxito dos estudos experimentais sobre o ritmo das línguas de um modo geral, alguns autores remetem ao nível fonológico com o intuito de classificar determinada língua dentro de um ou outro tipo. Aqui, entretanto, serão discutidos alguns trabalhos de cunho fonológico, especificamente sobre o ritmo do PB.

Abaurre-Gnerre (1981), ao realizar uma investigação puramente fonológica sobre o ritmo do PB, relaciona alguns processos fonológicos segmentais (a saber: epêntese; monotongação; queda de consoante em final de sílaba; enfraquecimento do flape e harmonia vocálica) presentes nessa língua a estilos de fala, como evidências de padrões rítmicos. Desta forma, na visão na autora, o estilo formal no PB, caracterizado por uma velocidade de fala mais lenta, apresenta um ritmo predominantemente silábico, ou seja, tende a manter a *isocronia* dos intervalos entre as sílabas. Segundo ela, neste estilo cujo ritmo é silábico, ocorrem processos fonológicos característicos dessa tipologia rítmica, isto é, processos favorecedores de estruturas CV. Entre tais processos figuram a epêntese vocálica, a queda de consoante em final de sílaba e a harmonia vocálica. Este último, em oposição à redução vocálica, que ocorre nos estilos mais rápidos e informais. O objetivo principal de seu trabalho é propor que as variações rítmicas que co-existem nos dialetos do PB podem ser explicadas através das ocorrências dos processos da harmonia vocálica e redução vocálica presentes no PB. Assim, a partir da análise de dados do dialeto capixaba, a pesquisadora observa que, nesse caso, a harmonia se aplica apenas diante de [ɛ]'s e [ɔ]'s tônicos, como em *perereca* (pɛɾɛɾékɐ) e *pororoca* (pɔɾɔrókɐ).

Desse modo, Abaurre-Gnerre (1981: 29) sugere que os estilos de fala mais lentos estão relacionados ao ritmo silábico, ao passo que o ritmo acentual estaria relacionado aos estilos de fala mais rápidos. Para sustentar sua hipótese, a autora afirma que:

1) as velocidades mais lentas favorecem, em geral, a manutenção dos segmentos. Conseqüentemente, com a manutenção e saliência prosódica atribuída às vogais em núcleo silábico, criam-se condições ideais para um ritmo que tende a ser silábico; 2) certas vogais átonas são freqüentemente reduzidas ou suprimidas nas velocidades mais rápidas, o que causa a aglomeração de segmentos consonantais em torno dos núcleos acentuados, configurando-se, desta forma, o contexto ideal para a

implementação do padrão rítmico acentual (com tendência à manutenção de intervalos de tempo constantes entre sílabas acentuadas).

A pesquisadora passa, então, a examinar casos de levantamento de vogais pré-tônicas presentes no dialeto capixaba e observa que há muitas variações. Por exemplo, alguns falantes parecem levantar todos os [e]'s e [o]'s pré-tônicos (como em *c[u]mida* e *f[i]rida*), enquanto outros falantes não o fazem. Em pronúncias mais rápidas e, conseqüentemente, informais, ocorre a perda de vogais pré-tônicas (como em *p[∅]queno* e *m[∅]nino*).

Abaurre-Gnerre (1981: 36) ressalta que Câmara Jr. (1970) considera os exemplos supracitados casos de harmonia vocálica (embora não considere exemplos como *perereca/pororoca*). No entanto, discorda da abordagem do autor, apresentando contra-exemplos como *b[u]neca*, que não podem ser considerados como harmonia vocálica, pois, nesses casos, *a vogal levantada torna-se ainda mais diferenciada da vogal acentuada do que a vogal média fechada original*.

Diante deste panorama, a autora sugere que, no PB, aplicam-se dois processos fonológicos cujas teleologias são diferentes: a harmonia vocálica e o levantamento de vogal. A harmonia vocálica seria um processo de teleologia perceptual, pois *aumenta-se a perceptibilidade do segmento pela intensificação da sonoridade da vogal, ao mesmo tempo em que se intensifica o contraste entre a vogal e a consoante inicial da sílaba* (Abaurre-Gnerre, 1981: 37). Pelo fato de favorecer estruturas do tipo CV, favorece, conseqüentemente, o ritmo silábico. Já o levantamento de vogal seria um processo de teleologia puramente articulatória, pelo fato de tornar *os segmentos articulatoriamente mais semelhantes entre si pela diminuição da diferença articulatória das vogais com relação aos segmentos adjacentes* (Abaurre-Gnerre, 1981: 37). Como é um pré-requisito para a queda de vogais nos estilos de fala mais rápidos, o processo de levantamento seria, então, favorecedor de padrões acentuais. Desta forma, a autora conclui que a harmonia vocálica está diretamente relacionada ao ritmo silábico e, o levantamento de vogais, ao ritmo acentual. A autora não encontra em seu trabalho enunciados predominantemente silábicos ou predominantemente acentuais e parece classificar o PB como uma língua de ritmo misto. Bisol (2000), ao corroborar os resultados de Barbosa (2000) (já citado anteriormente) com argumentos de natureza fonológica, sustenta a hipótese de ser o PB uma língua de ritmo misto. A autora faz uma breve discussão sobre os processos fonológicos de redução vocálica, o acento primário e secundário, a haplologia, a degeminação e a elisão. A análise dessas propriedades leva a pesquisadora a concluir que o troqueu silábico é uma pista relevante para a caracterização do ritmo do PB. Desse modo,

argumenta a favor de ser o PB uma língua de ritmo misto, apesar da forte tendência para o ritmo silábico.

Tenani (2006) realiza, também, um trabalho de cunho fonológico sobre evidências rítmicas do PB. A autora relaciona processos fonológicos de sândi⁸ a padrões rítmicos.

Os processos de vozeamento da fricativa e *tapping* são caracterizados pela reestruturação da sílaba, isto é, o segmento final da *coda* da primeira sílaba passa a *onset* da primeira sílaba do segundo vocábulo. Como resultado, há a formação de uma sílaba canônica CV, ao invés da sílaba travada CVC. A autora afirma que tais processos atuam no sentido de otimizar a sílaba em seqüências CV, o que favorece um ritmo silábico. Desse modo, esses dois processos são aplicados *de modo a assegurar um ritmo tipicamente silábico em PB* (Tenani, 2006: 114).

Já os processos de elisão, degeminação e ditongação são caracterizados como processos de sândi vocálico externo, ou seja, o que há é o choque de dois núcleos silábicos, dando origem a uma sílaba CV (no caso da elisão e da degeminação) ou a uma sílaba CVV (no caso da ditongação). Tenani (2006: 115) observa que os três processos de sândi vocálico externo operam, necessariamente, em todas as fronteiras pós-lexicais no PB. Por originar estruturas silábicas do padrão CV, apresenta, segundo a autora, um outro argumento em favor da tendência de um ritmo silábico para o PB.

No caso da haplogogia, que reduz duas sílabas CV a uma só, a autora considera a aplicação do PCO – *Princípio do Contorno Obrigatório* –, que determina, neste caso, a proibição de duas sílabas idênticas.

Comparando os dois tipos de haplogogia que encontrou em PB (queda da primeira sílaba por inteiro – ex.: *faculda[de] dinâmica* – em oposição à síncope da primeira vogal – *faculdad[e] dinâmica*), a partir da análise da gravação da leitura de enunciados, a pesquisadora parte do pressuposto de que a queda da primeira sílaba favoreceria o ritmo silábico, enquanto a queda somente da primeira vogal favoreceria o ritmo acentual. Os resultados de sua análise indicam que *a porcentagem de síncope da sílaba na haplogogia é consideravelmente maior do que a de síncope da vogal* (Tenani, 2006: 117). Há, aqui, um outro argumento a favor de um ritmo silábico no PB. Outro resultado apontado pelo

⁸ O processo de sândi é caracterizado por ocorrer na fronteira de palavras e transformar a estrutura silábica nesse contexto. Isso tem implicação na queda de vogais (ou de sílabas) ou na formação de ditongos (Cagliari, 2002a: 105). Os processos de sândi podem realizar-se da seguinte maneira, de acordo com Tenani (2006: 113): vozeamento da fricativa (ex. *o arro[za]marelo*); *tapping* (ex. *açuca[ra]marelo*); degeminação (ex. *a laranj[a]marela*); elisão (ex. *a laranj[o]landesa*); ditongação (ex. *o pêsseg[ua]marelo*) e haplogogia (ex. *a faculda[dʒi]nâmica*).

experimento é o de que quanto mais baixo o domínio prosódico, maiores são as evidências para um ritmo silábico (pois no domínio da frase fonológica, por exemplo, a haplologia predomina em 100% dos casos). Porém, quanto mais alto o domínio prosódico, maiores são as evidências para um ritmo acentual (visto que no domínio do enunciado fonológico a haplologia opera em 50% dos casos). Nesse nível prosódico, quando a haplologia não se aplica, e o resultado continua sendo duas sílabas CV, este processo não pode ser considerado como evidência de nenhum dos dois tipos rítmicos. Entretanto, nas fronteiras de domínios prosódicos mais altos, para Tenani (2006), o processo favorece um ritmo acentual pelo fato de apenas a primeira vogal ser apagada com mais frequência nesses casos. Desta forma, conclui, como já fizeram outros autores, que o PB possui um ritmo misto, mas sobretudo silábico.

A partir do que foi apresentado, pode-se notar que a análise de Tenani (2006) considera os processos de sândi vocálico externo como suporte para uma análise silábica do ritmo do PB. Entretanto, como será mostrado adiante, há uma diferença crucial entre, por um lado, os processos favorecedores da preservação da estrutura da sílaba, como a epêntese, e os processos de sândi. Do ponto de vista da classificação que envolve reforço/redução, a epêntese está situada entre os processos de reforço, por acrescentar segmentos e por otimizar a estrutura silábica CV – assim, seria um elemento caracterizador do ritmo silábico. Ao contrário, os processos de sândi partem de sílabas gramaticais, bem formadas, e apagam segmentos (isto é, “reduzem” o material fonético entre as sílabas tônicas) – sendo, portanto, mais caracterizadores de um ritmo acentual. Neste sentido, apesar de ambos terem como alvo a otimização silábica e a produção de sílabas CV, do ponto de vista da tipologia rítmica, não podem ser considerados como favorecedores do mesmo tipo de ritmo (lingüístico).

4. SOBRE O DOMÍNIO DE APLICAÇÃO DAS REGRAS FONOLÓGICAS

Os estudos de natureza fonológica mostram, em última análise, uma forte tendência entre os autores em classificar o PB como língua de ritmo misto.

Este trabalho propõe, por outro lado, que o PB não apresenta um ritmo misto, mas acentual. Os trabalhos citados anteriormente, que classificam o PB como sendo uma língua de ritmo misto, podem estar chegando a tais conclusões pelo fato de analisarem os processos fonológicos sem fazer a distinção dos seus níveis de aplicação, em lexical e pós-lexical. Em outras palavras, argumenta-se, aqui, que os processos que operam no nível pós-lexical, nível em que atua o ritmo, poderão trazer pistas mais seguras a respeito da classificação do ritmo do

PB do que os processos característicos do nível lexical, segundo a distinção estabelecida pelo modelo de Fonologia Lexical⁹.

Nossa análise foi delineada de modo a relacionar os níveis de aplicação das regras (lexical e pós-lexical) à classificação das línguas quanto ao ritmo. O objetivo principal foi relacionar o domínio de aplicação de processos fonológicos de redução e de reforço e o seu papel na classificação de ritmo do PB. Dentro da categoria dos processos de reforço foram investigadas, sobretudo, as regras de epêntese¹⁰ e de alongamento e fortalecimento da vogal¹¹. Já na categoria dos processos considerados como de redução, analisamos prioritariamente os processos de redução vocálica¹², redução dos ditongos nasais átonos¹³, síncope em proparoxítonas¹⁴, além dos processos de sândi. Sendo assim, já podemos esboçar alguns resultados importantes trazidos por esta pesquisa, para cada um dos referidos processos analisados.

Todos os processos de redução, tais como analisados neste trabalho (redução vocálica, redução dos ditongos nasais átonos, síncope em proparoxítonas e processos de sândi), bem como o processo de reforço e alongamento da tônica, ocorrem no nível pós-lexical, ou seja, em níveis superiores. Além disso, são processos favorecedores de um ritmo acentual. Ao contrário, os processos de reforço que visam à otimização silábica (como a epêntese, por exemplo) ocorrem, sobretudo, no nível lexical. Como o ritmo de uma língua se constitui apenas a partir da combinação de palavras, não sendo os enunciados fonológicos constituídos

⁹ De acordo com a teoria da Fonologia Lexical (Kiparsky, 1982; Mohanan, 1986; Pulleyblank, 1986), o léxico de uma língua é composto de níveis (ou “estratos”, segundo Mohanan, 1986) ordenados que caracterizam os domínios de aplicação de regras morfológicas e fonológicas. Desse modo, os processos de derivação e de flexão de uma língua podem ser organizados em uma série desses níveis. Cada um deles é associado a um conjunto de regras fonológicas que define o domínio de sua aplicação. A ordem dos processos morfológicos na formação da palavra é definida pela ordem desses níveis. Há, portanto, dois tipos diferentes de aplicação das regras fonológicas. O primeiro nível é representado pelas regras que se aplicam dentro do léxico e é chamado, deste modo, de nível lexical. O segundo representa as regras que operam fora do domínio do léxico, isto é, no componente sintático, e é chamado, assim, de nível pós-lexical.

¹⁰ O processo fonológico conhecido como epêntese é caracterizado pela inserção de um segmento vocálico, em geral um [i] (átono e breve), em determinadas sílabas do Português (Cagliari, 1981; Lee, 1993; Collischonn, 1996a; Massini-Cagliari, 2000). Ex: *ob[i]ter*; *Unesp[i]*.

¹¹ Estudos que analisam a relação entre duração e acento (Massini-Cagliari, 1992; Moraes, 1986; Major, 1985, entre outros) apresentam medidas experimentais que indicam que, na grande maioria dos casos, as sílabas tônicas apresentam maior duração que as sílabas átonas no PB.

¹² “Uma redução pode ser entendida como qualquer processo no qual um segmento ou uma seqüência de segmentos sofre, de alguma forma, um enfraquecimento. No caso da redução vocálica o que, geralmente, ocorre é uma centralização ou perda de vogais átonas.” (Bollela, 2002: 71). É o que ocorre em palavras como: *gato* – *gat[u]*; *define* – *defin[i]*.

¹³ “Ditongos nasais átonos como –ão (*órgão, falaram*) e –em (*homem, ontem*) realizam-se variavelmente no PB, ora sem qualquer nasalidade (*órgu, falaru, homi, onti*), ora mantendo a nasalidade (*falaram, homem*).” (Battisti, 2002: 183)

¹⁴ Amaral (2002) afirma que a síncope em proparoxítonas trata-se de “uma regra que se originou no latim vulgar, atravessou as diferentes fases do Português e difundiu-se em todo o país na fala popular” (Amaral, 2002: 99). É o que ocorre em palavras como: *árvore* – *arvre*; *relâmpago* – *ralampo*; *pérola* – *perla* (Amaral, 2002: 102).

de palavras pronunciadas isoladamente, a leitura dos trabalhos já produzidos sobre processos fonológicos do PB favorece a classificação desta língua na categoria de ritmo acentual, uma vez que os processos pós-lexicais ocorrentes na língua seguem nessa direção.

No caso de processos de reforço como a epêntese, notamos que estes ocorrem predominantemente no nível lexical, por serem regras voltadas à preservação de estrutura da sílaba. Um argumento que corrobora nossa idéia é o fato de processos como o apagamento vocálico (que atuam no nível pós-lexical) atuarem de forma inversa, pois “destroem” a boa formação silábica, como ocorre com a palavra “*número*”, que pode ser pronunciada como “*numro*”, devido a alterações rítmicas e de velocidade de fala (Massini-Cagliari, 1999). Desta forma, concluímos que a epêntese, por ser uma regra que visa, sobretudo, a preservação da estrutura, é um processo eminentemente lexical. Em outras palavras, a epêntese é considerada um processo de reforço, pois, com a inserção do segmento, há o conseqüente fortalecimento da sílaba, numa tentativa de se estabelecer padrões silábicos canônicos CV. Por este motivo, encontramos na literatura da área estudos que relacionam a epêntese vocálica ao ritmo silábico (Abaurre, 1981, entre outros), pelo fato de a sílaba ser o alvo reforçado e preservado.

O outro processo de reforço analisado dentro do âmbito de nossa pesquisa foi o alongamento e o conseqüente fortalecimento da vogal resultantes da incidência do acento lexical. A partir desta análise, verificamos que estes processos, em particular, desempenham um papel de extrema relevância dentro da discussão estabelecida no contexto deste trabalho. Embora o posicionamento do acento seja um fenômeno que opera no nível lexical, o alongamento fonético que atua sobre a tônica, de modo a maximizar as diferenças entre estas e as átonas, é um processo pós-lexical, que atua no sentido de favorecer a implementação de um ritmo acentual.

No que tange aos processos considerados como de enfraquecimento, ao analisar a ocorrência da redução vocálica no PB, encontramos evidências de que esta constitui um processo pós-lexical, pois é aplicada somente depois de a palavra já estar formada. Sugerimos, deste modo, que a redução vocálica, quando aplicada no componente do pós-léxico, tende a favorecer um ritmo acentual, visto que a redução (e possível queda) de vogais átonas acaba gerando uma maior concentração dos segmentos na sílaba acentuada, criando um contexto favorecedor para a implementação de um ritmo acentual, pois objetiva manter a *isocronia* dos pés (sílabas tônicas).

Com relação aos processos de sândi, resultados de trabalhos anteriores mostram que esses processos têm sido considerados regras eminentemente pós-lexicais (pois operam em fronteira de palavra), podendo ser tratados tanto como um processo de reforço (quando atuam

no sentido de obter sílabas canônicas CV), como um processo de redução (quando apaga as vogais ou mesmo sílabas inteiras). No entanto, o sândi é apenas aparentemente um processo de reforço. Na verdade, em PB, ele pode ser considerado um processo de redução, porque atua, sobretudo, no sentido de diminuir a quantidade de material fonético entre as tônicas. Ao contrário da epêntese, embora também objetivem a otimização dos padrões silábicos, os processos de sândi operam sobre sílabas já bem formadas – não são, portanto, processos de preservação da estrutura. Inversamente, “destroem” estruturas bem formadas de modo a “favorecer” a implementação rítmica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados apresentados, chegamos à conclusão de que um fato particularmente importante em pesquisas desta natureza é a relevância da observação do nível de aplicação dos processos fonológicos. Concluimos que tal observação é promissora, visto que pode contribuir para uma melhor compreensão da dicotomia ritmo silábico/ritmo acentual e para a classificação do PB dentro dessa dicotomia, uma vez que os processos ditos de reforço, voltados à otimização e à preservação da estrutura silábica, que favorecem a classificação tipológica da língua como de ritmo silábico, ocorrem nesta língua no nível lexical (cf. epêntese), ao passo que os processos que favorecem a classificação do PB como sendo uma língua de ritmo acentual (redução vocálica e sândi, por um lado, e alongamento da tônica, por outro) são pós-lexicais. Sendo que o ritmo atua obviamente no nível pós-lexical, por operar pós-sintaticamente, tomando a combinação das palavras em enunciados, a observação dos processos desse nível pode trazer, com mais segurança, pistas para a classificação do ritmo de uma língua. Além disso, os processos do nível pós-lexical podem ser de natureza, inclusive, oposta aos processos de nível lexical (por exemplo, a epêntese no PB, lexical, preserva a estrutura silábica, ao passo que o apagamento vocálico, pós-lexical, pode “destruir” a estrutura de uma sílaba bem formada). É por este motivo que, quando não se considera a distinção dos níveis de aplicação de regras, pode haver evidências conflitantes para a classificação do ritmo de uma mesma língua. Por outro lado, há também processos lexicais (por exemplo, atribuição de acento primário no PB) que podem, a partir da sua realização fonética (em que a duração coloca em evidência a sílaba tônica, em oposição às átonas), implementada pós-lexicalmente, favorecer, a partir das pistas que fornecem, a classificação do ritmo da língua em uma ou outra categoria. No caso do PB, todas as

evidências neste sentido apontam, pois, para a classificação da língua na categoria do ritmo acentual.

O que se procura mostrar neste trabalho é que o importante para a classificação do ritmo de uma língua não é apenas produzir ou não como resultado uma sílaba canônica, do tipo CV. O que parece mais relevante, neste caso, é o nível de aplicação da regra (no léxico ou pós-lexicalmente) e o fato de ela se caracterizar como de fortalecimento ou de redução. Além disso, não é verdade que línguas de ritmo acentual não têm processos de reforço. A questão é que, nessas línguas, esses processos se realizam sobre as tônicas, enquanto que, nas de ritmo silábico, esses processos operam sobre todos os tipos de sílaba. Sugere-se aqui, também, que a caracterização de um processo como de reforço ou de redução deve levar em consideração todo o contexto da prosódia da língua, e não apenas a estruturação silábica.

Desta maneira, a observação do nível de aplicação das regras fonológicas é importante pelo fato de que o ritmo é um fenômeno pós-lexical, construído a partir da seqüência fônica resultante da gramática da língua; desta forma, o resultado fonético final inclui a atuação de todos os fenômenos fonológicos, lexicais e pós-lexicais – por exemplo, as sílabas resultantes de epêntese (um fenômeno lexical) são implementadas foneticamente. Assim sendo, é crucial a caracterização dos fenômenos que atuam no nível pós-lexical para a tipologia rítmica, mesmo considerando que, no nível fonético, haverá uma aparente contradição, ou seja, a co-ocorrência de resultados da aplicação de processos dos dois níveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABAURRE-GNERRE, Maria Bernadete Marques. Processos Fonológicos Segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (2), 1981.
2. _____. Ritmo e Linguagem. In: ALBANO, E.; COUDRY, M. I. H.; POSSENTI, S.; ALKMIM, T. (Org.) Saudades da Língua: a Lingüística e os 25 anos do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
3. ABERCROMBIE, David. *Elements of General Phonetics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.
4. ALLEN, G. D. The place of rhythm in a theory of language. *Working Papers in Phonetic*, 1968.

5. AMARAL, Marisa Porto. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org.) *Fonologia e Variação: recortes do Português*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
6. BARBOSA, Plínio Almeida. 'Syllable timing in Brazilian Portuguese': uma crítica a Roy Major. *D.E.L.T.A.*, 2000.
7. BATTISTI, Elisa. A redução dos ditongos nasais átonos. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org.) *Fonologia e Variação: recortes do Português*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
8. BISOL, Leda. O troqueu silábico no sistema fonológico. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 16, n. 2, 2000.
9. BOLLELA, Maria Flávia. *Uma proposta de ensino da pronúncia da Língua Inglesa com ênfase nos processos rítmicos de redução vocálica*. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Unesp, Araraquara, 2002.
10. CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Tese (Livre Docência em Lingüística) – UNICAMP, Campinas, 1981.
11. _____. *Análise Fonológica – Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002a.
12. _____. *Dossiê Prosódia* (inédito), 2002b.
13. _____; ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 10, 1986.
14. CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
15. CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
16. COLLISCHONN, Gisela. Um estudo da epêntese à luz da Teoria da Sílabas de Junko Itô (1986). *Letras de Hoje*, v. 31, no. 2. p. 149-158, 1996.
17. CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
18. DAUER, Rebecca. Stress-timing and syllable-timing reanalyzed. *Journal of Phonetics* v. 11, 1983.
19. _____. Phonetic and phonological components of language rhythm. In: *Proceedings of the 11 International Congress of Phonetics Sciences*, v. 5, Tallinn: Estônia, 1987.
20. FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

21. FROTA, Sônia; VIGÁRIO, Marina; MARTINS, Fernando. Discriminação entre línguas: evidências para classes rítmicas. In *Actas do XVII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2001.
22. KIPARSKY, Paul. From Cyclic Phonology to Lexical Phonology. In: VAN DER HULST, Harry and SMITH Norval (eds.) *The Structure of Phonological Representations – Part I*. Foris Publications, 1982.
23. LEE, Seung Hwa. Epêntese no Português. *Estudos Lingüísticos XXII – Anais de Seminários do GEL*, Ribeirão Preto, Instituição Moura Lacerda, v. II, 1993.
24. LLOYD JAMES, Arthur. *Speech signals in telephony*. London: [s.n], 1940.
25. MAJOR, Roy. Stress-timing in Brazilian Portuguese. *Journal of Phonetics*, v. 9 n. 3, 1981.
26. _____. Stress and Rhythm in Brazilian Portuguese. *Language*, v. 61, n. 2, 1985.
27. MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Acento e Ritmo*. São Paulo: Contexto. 1992.
28. _____. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999a.
29. _____. O conceito de pé como unidade rítmica: trajetória. In: SCARPA, E. M. (Org.). *Estudos de Prosódia*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999b.
30. MOHANAN, K. P. *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.
31. MORAES, João Antônio. Acentuação Lexical e acentuação frasal em Português: um estudo acústico perceptivo. Comunicação apresentada no *II Encontro Nacional de Fonética e Fonologia*. Brasília, 1986.
32. _____. LEITE, Yvonne. Ritmo e velocidade da fala na estratégia do discurso: uma proposta de trabalho. In: ILARI, Rodolfo (org.) *Gramática do Português Falado. Volume II: Níveis de Análise Lingüística*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
33. PIKE, Keneth Lee. *The Intonation of American English*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1945.
34. PULLEYBLANK, Douglas George. *Tone in Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.
35. RAMUS, Franck; NESPOR, Marina; MEHLER, Jacques. Correlates of linguistic rhythm in the speech signal. *Cognition*, v. 2, 1999.
36. RAVIZZA, João. *Gramática Latina*, 9a. ed. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1940.
37. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1972.

38. STAMPE, David. *A Dissertation on Natural Phonology*. PhD thesis – University of Chicago. Chicago, 1973.
39. TENANI, Luciani. Considerações sobre a Relação entre Processos de Sândi e Ritmo. *Estudos da Língua(gem)*. 2006.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the relationship between lexical and post-lexical phonological processes and the Brazilian Portuguese (BP) rhythm classification in syllable or stress-timed. As the rhythm is a phenomenon which operates in the post-lexical domain – according to Lexical Phonology Theory – it is suggested that the distinction between both domains in which the processes apply must be regarded. From this point of view and focusing the phonological processes that operate in the post-lexical domain, it is possible to point out evidences that support the consideration of BP as a stress-timed language.

KEYWORDS: rhythm; phonological process; Brazilian Portuguese; prosody.

Recebido no dia 17 de maio de 2010.

Artigo aceito para publicação no dia 30 de julho de 2010.